

Existir e morar na cidade: vinte anos do projeto *Canoas – Para lembrar quem somos*¹

Douglas Souza Angeli ²

Resumo: O artigo identifica os objetivos, as metodologias e os resultados do projeto de pesquisa *Canoas – para lembrar quem somos*, desenvolvido pelo Unilasalle desde 1994. Busca situar este empreendimento com relação ao tema do diálogo social no âmbito do conhecimento histórico, em especial à história pública. Com a publicação de livros sobre os bairros de Canoas/RS, o projeto vem colaborando com a produção historiográfica e com a divulgação da história local, produzindo obras de qualidade destinadas à comunidade.

Palavras-chave: Memória social; História Pública; História local; Bairros; Canoas/RS.

Existing and Living by the City: Twenty Years of the Project *Canoas – to Remember Who We Are*

Abstract: The article identifies the objectives, methodologies and results of the research project *Canoas – to Remember Who We Are*, developed by Unilasalle since 1994. It tries to place the initiative on social dialogue subject by the scope of historical knowledge, especially public history. By publishing books about Canoas' neighborhoods, this project contributes with the local history propagation, delivering quality works intended to community.

Keywords: Social memory; Public History; Local History; neighborhoods; Canoas/RS.

Considerações iniciais

Com mais de 330 mil habitantes, Canoas/RS, é um município da região metropolitana de Porto Alegre, e, atualmente, a quarta cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, possuindo o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do Estado³. Sua emancipação foi decretada em 27 de junho de 1939, quando deixou de ser distrito de Gravataí – município criado em 11 de junho de 1880. (ALRS, 2009).

Fotografias do início do século XX registraram paisagens como a da Fazenda da Brigadeira, onde hoje localiza-se a Refinaria Alberto Pasqualini. Por volta de 1920, integrantes da família Fernandes, com seus largos chapéus e crianças sorridentes, passeavam de barco pelo açude que há muito tempo já não existe e onde atualmente é possível encontrar um grande número de prédios, residências e comércios do bairro Nossa Senhora das Graças. Outra imagem da época, na qual a *Maria Fumaça* cruza o atual centro da cidade, apresenta um lugarejo bucólico e uma paisagem dominada pelos prédios do Instituto São José, dos irmãos *lasallistas*, onde hoje está o Centro Universitário La Salle. (Unilasalle)⁴.

Foi justamente o Unilasalle que, em convênio com a Prefeitura Municipal de Canoas, deu início ao projeto *Canoas – para lembrar quem somos*, em 1994, sob a coordenação de Rejane Penna. O projeto, visando à pesquisa sobre a história dos bairros da cidade, lançou em 2013 seu 12º volume, sendo cada edição o resultado da pesquisa em um dos bairros. Assim, foram lançados, por ordem cronológica, os volumes: *Rio Branco* (1994), *Niterói* (1995), *Centro* (1996), *Estância Velha* (1997), *Guajuviras* (1998), *Mathias Velho* (2000), *São Luís e São José* (2001), *Igara* (2002), *Mato Grande* (2003), *Nossa Senhora das Graças* (2005), *Fátima* (2009) e *Harmonia* (2013)⁵. Sob a coordenação de Cleusa Maria Gomes Graebin, o projeto está em nova etapa, cujo resultado será o volume sobre o bairro Marechal Rondon⁶.

Conforme descrito na introdução do quarto volume da série, o projeto foi motivado pela constatação de que Canoas, sendo um dos maiores aglomerados urbanos do Rio Grande do Sul, estava perdendo, em meio ao seu rápido desenvolvimento, vários dos testemunhos físicos e culturais de sua história. Assim, o projeto surgiu com o objetivo de investigar o papel desempenhado pela comunidade na construção da cidade e verificar de que forma as pessoas se identificavam nesse processo. (PENNA, 1997, p. 7).

Emancipada em 1939, no ano seguinte Canoas contava, segundo o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com 17.640 habitantes. Nas décadas seguintes, houve um acelerado crescimento demográfico, motivado pela industrialização e pelo êxodo rural, resultando na expansão da mancha urbana do município, com a formação de bairros operários como Niterói e Rio Branco, próximos ao Rio Gravataí. Em vinte anos, a taxa de crescimento populacional foi de 486%⁷.

O presente artigo pretende identificar os objetivos, as metodologias, os resultados e as transformações pelas quais o projeto *Canoas – para lembrar quem somos* passou nesses vinte anos de pesquisa, relacionando este empreendimento aos debates sobre conhecimento

histórico e diálogo social e, especialmente, sobre a chamada “história pública”. Ao final, pretende-se traçar um quadro de como era viver em Canoas nas décadas de 1940 a 1960 privilegiando, nesta narrativa, os resultados do projeto transformados em livros.

História pública

Em artigo publicado na *Revista Brasileira de História* (2014), Benito Schmidt (UFRGS) abordou a importância do diálogo social relacionado ao conhecimento produzido pelos historiadores acadêmicos. Para o autor, este debate está situado em um contexto no qual se registra, simultaneamente, um desinteresse pela história enquanto conhecimento científico e o interesse popular pelo passado e pela memória. (SCHMIDT, 2014, p. 332).

Citando Beatriz Sarlo (2007), para definir o que a autora chama de histórias de grande circulação⁸, Schmidt indaga se a história acadêmica, que se pretende científica e, portanto, tem como princípio o rompimento com o senso comum, tem condições de concorrer e ganhar dessa história destinada ao grande público. (2014, p. 333). Apesar das dificuldades, diversos historiadores, cada vez mais, empenham-se no diálogo entre conhecimento histórico e sociedade, não sendo à toa a integração do termo “história pública” ao nosso vocabulário. (SCHMIDT, 2014, p. 334).

Jill Liddington (2011) também fez menção ao fenômeno das representações populares do passado, sendo este, inclusive, transformado em negócio. Ao tratar do conceito de “história pública”, a autora considera esta prática como sendo a apresentação popular do passado para um leque variado de audiências, estando também ligada aos estudos de como se adquire o senso de passado e o modo como esses passados são apresentados publicamente, embora não haja uma única forma de defini-la. (LIDDINGTON, 2011, p. 33-34; 43). A autora remonta as origens da história pública a meados da década de 1970, nos Estados Unidos, especialmente a *University of California* – onde Kelley definiu a história pública como o emprego do método histórico fora da academia. (LIDDINGTON, 2011, p. 34).

Para Gerald Zahavi (2011), a história pública explora e apresenta o conhecimento histórico para além dos foros acadêmicos tradicionais. Para ele, a história pública tenta construir uma ponte entre as análises detalhadas produzidas no meio acadêmico e a curiosidade histórica do público em geral. (ZAHAVI, 2011, p. 53). Por sua vez, Sara Albiéri (2011) aborda a necessidade de estabelecer uma comunicação entre a história acadêmica e a

história pública, sem substituir uma pela outra, e para tal propõe a noção de “consciência histórica” como meio de auxiliar na conciliação destas duas modalidades⁹.

Argumentando a favor da respeitabilidade dos gêneros “divulgação histórica”, “história didática” e outras formas de publicação histórica, Sara Albiéri considera que a publicação da história sustenta e alimenta a visão comum do que é a história, como se a historiografia vazasse por muitos poros – seja pelos livros didáticos, pelo romance histórico, filmes, documentários ou lugares de memória. (2011, p. 21). Entretanto, para ela, a academia tem sido omissa em considerar seriamente esse tipo de historiografia produzida pelo público e, diante disso, jornalistas, cineastas, romancistas, documentaristas divulgam versões históricas com grande penetração na cultura. (ALBIERI, 2011, p. 23)¹⁰.

Vinte anos do projeto *Canoas - para lembrar quem somos*

A primeira edição do projeto *Canoas – para lembrar quem somos* foi lançada em 1994, tratando do bairro Rio Branco – localizado na zona sul de Canoas, próximo ao Rio Gravataí¹¹. Na apresentação do livro, há uma noção de “fazer cultural” que é significativa para a compreensão dos objetivos do projeto: “Pensar em cultura como dimensão fundamental do resgate da cidadania é estimular a reflexão da comunidade sobre seu presente como implicação de seu passado, de modo dinâmico e efetivo.”. (PENNA, 2004a, p. 9). Assim, o resgate da cidadania e a reflexão da comunidade sobre o passado e suas implicações no presente eram objetivados pelo empreendimento.

A apresentação, repetida na íntegra do primeiro ao nono volume, salienta o caráter de transformação social presente nas intenções do projeto, ao considerar o resgate da identidade uma melhoria da qualidade de vida das pessoas. (PENNA, 2004a, p. 9). Como Canoas havia se desenvolvido de forma veloz, agregando ao seu contingente populacional migrantes de várias regiões do Estado e mesmo imigrantes, percebia-se a necessidade de um resgate da cidadania por meio da reflexão sobre o passado e sobre a identidade. (PENNA, 2004a, p. 9).

Conforme ressaltado na introdução do volume *Rio Branco*, a historiografia bastante reduzida sobre Canoas¹² tornava-se um problema mais grave quando se tratava da história dos bairros canoenses. Estes, jamais haviam sido pesquisados como espaços de vida “com certa dinâmica própria”. (PENNA, 2004a, p. 11).

Buscando estabelecer um diálogo social, os resultados do projeto, apresentados em livro, não eram compreendidos como definitivos: “Se conseguir encaminhar questões entre os moradores, sugerir futuras pesquisas ou até mesmo uma vontade de verificar as mesmas fontes para questionar as conclusões, dar-nos-emos por satisfeitos.” (PENNA, 2004a, p. 13). E, de fato, foram realizados encontros com a comunidade nos primeiros anos do projeto. A segunda edição, sobre o bairro Niterói, trouxe um anexo intitulado *Retorno ao Rio Branco*, onde se lê que um dos objetivos do trabalho foi “verificar o retorno que a comunidade pesquisada daria, ao ver-se como agente da história.” (PENNA, 2004b, p. 112).

Naquela ocasião, foi solicitado ao movimento comunitário do bairro Rio Branco que distribuisse exemplares do livro, agendando uma reunião, após certo tempo, para avaliação da obra. O anexo, no volume *Niterói*, traz as sugestões, avaliações e contribuições de moradores do bairro. Em geral, as avaliações foram positivas com relação à linguagem acessível do livro. Quanto às reclamações, salientou-se: “Sobre enganos de datas, nomes de ruas, etc., em depoimentos, lamentamos, mas a memória de cada um é um patrimônio inviolável, não podemos alterar. Cabe à comunidade pesquisada reunir-se e acertar as lembranças.” (PENNA, 2004b, p. 113).

As narrativas sobre o retorno aos bairros, anexadas nos volumes *Niterói* e *Centro* trazem indicativos da penetração da obra nas comunidades. Registrou-se a fala de uma professora, de nome Fátima, afirmando que os cadernos sobre o bairro Rio Branco chegaram às escolas, contribuindo com o trabalho desenvolvido com as crianças sobre o lugar em que viviam. (PENNA, 2004b, p. 113).

O volume *Centro* reafirmou a necessidade deste retorno: “Quando se faz uma pesquisa com a participação da comunidade no sentido de acompanhar o processo investigatório, há que se fazer o retorno da mesma para as pessoas que estiveram juntas no trabalho.” (PENNA, 2004c, p. 183). No anexo intitulado de *Retorno ao Niterói*, registrou-se uma resposta, dada pelo líder comunitário Odil Gomes, sobre a mudança na imagem que as pessoas tinham sobre o seu bairro depois da pesquisa. Para ele, antes, vários moradores achavam que as conquistas do bairro fossem devidas aos administradores públicos, quando, na verdade, “foi a permanente atuação da comunidade que as alcançou, quando soube exercer seu direito de cidadania.” (PENNA, 2004c, p. 184)¹³.

O quarto volume da série, lançado em 1997, destacou, em sua introdução, alguns avanços motivados pelo projeto. Naquele ano, a Lei n.º 4.183, aprovada pela Câmara

Municipal, criou o programa cultural de pesquisa e divulgação da história de Canoas com entidades de pesquisa ou educacionais. Outro destaque foi a realização, no ano anterior, do *Primeiro Encontro de História Oral do Unilasalle*. (PENNA, 1997, p. 10-11).

Os volumes sobre os bairros Rio Branco, Niterói, Centro, Estância Velha, Guajuviras, Mathias Velho, Igara, São Luís/São José e Mato Grande, lançados entre 1994 e 2003, possuem praticamente o mesmo formato e estrutura. Entremeando reproduções de fotos (antigas e recentes) sobre o bairro, aos capítulos que tratam sobre as origens de cada um, a luta por infraestrutura, as sociabilidades, os movimentos comunitários, a indústria e o comércio, a educação e as relações entre comunidade e Poder Público, a série continuou privilegiando a história oral como método de investigação. O volume *Mathias Velho* explica, em sua introdução, esta opção dos pesquisadores:

Entrevistando pessoas que normalmente não teriam possibilidade de contar suas histórias, podemos contribuir para uma reconstrução mais realista do passado, pois lidamos com uma realidade complexa e multifacetada e, quanto mais fontes orais ou escritas dialogarem em nosso trabalho de pesquisa, tanto melhor será recriada a multiplicidade original constitutiva da vida. (PENNA, 2000, p. 13).

Deixando explícito, mais uma vez, o propósito do projeto em estabelecer um diálogo social, acrescentava-se o seguinte argumento: o uso da história oral, além de dar voz às comunidades, servia para romper as barreiras entre pesquisadores e público, entre a universidade e o mundo exterior, propiciando, inclusive, um aprendizado aos pesquisadores. (PENNA, 2000, p. 14).

O volume n.º 10, dedicado ao bairro Nossa Senhora das Graças, foi organizado por Miguel Gayeski, Viviane Saballa e Dárnis Corbellini. A obra destacou uma mudança no projeto original: o novo reordenamento urbano de Canoas, alterando a denominação e a configuração dos bairros, bem como os diversos pedidos da população cujos bairros não haviam sido pesquisados, motivou a revisão dos critérios de seleção dos espaços a serem estudados. Assim, tornava-se público, a partir daquela edição, o objetivo de pesquisar todos os bairros da cidade de Canoas. (GAYESKI, SABALLA e CORBELLINI, 2005, p. 16).

A partir do 10º volume percebe-se a presença cada vez maior de outras fontes históricas, além dos depoimentos, propiciando um cruzamento maior das fontes e tornando a narrativa mais elaborada. No 11º e no 12º volume notam-se mudanças mais significativas, inclusive na editoração. As obras também cresceram em número de páginas: eram, em média,

120 páginas nos primeiros nove volumes, passando para 190, na 10ª edição (2005), 267, na 11ª (2009) e 253, na 12ª (2013).

O 11º volume, sobre o bairro Fátima, organizado por Cleusa Graebin (2009), diferencia-se pela maior participação dos estudantes e pesquisadores associados ao projeto na escrita do livro, prática que teve sequência no 12º volume – sobre o bairro Harmonia. Assim, são autores, além dos coordenadores do projeto e dos professores/pesquisadores do Unilasalle, diversos alunos e egressos que participaram da pesquisa como bolsistas ou voluntários.

Ao longo de vinte anos, o convênio do projeto com a Prefeitura Municipal foi diversas vezes renovado, demonstrando que o interesse na produção de conhecimento histórico sobre a cidade esteve presente em diferentes administrações municipais. Na apresentação do volume *Fátima*, o então secretário municipal de Cultura, Jéferson Assunção, incluía a participação no projeto, junto com o Unilasalle, como parte de um “conjunto maior de ações em prol da relação do canoense com sua memória” via textos, pesquisas, exposições, palestras e diversos trabalhos da equipe do *Patrimônio Histórico* visando a valorizar o patrimônio cultural canoense. (2009, p. 11).

Também nesta direção, a secretária adjunta de Cultura, Isabel Poggetti, na apresentação do volume *Harmonia*, identifica o objetivo do projeto na busca por “relacionar os canoenses com o seu lugar, resgatar seu *modus vivendi*, o seu jeito de ser.”. (2013, p. 7). Na introdução, Cleusa Graebin destaca o processo de apreensão das características do bairro:

Passo a passo descobrimos as combinações de espaços e existências onde se davam os acontecimentos. Durante o percurso, nas falas de diversos moradores do Bairro Harmonia, repetiram-se algumas expressões: a cidade cresce; a cidade muda; a cidade avança; o lugar melhorou para se viver; gostamos de morar aqui. (GRAEBIN, 2013, p. 18).

Assim, ao longo de vinte anos e com doze livros lançados, o projeto *Canoas – para lembrar quem somos*, buscou dialogar com as comunidades, dando voz aos moradores, investigando e propondo a reflexão sobre a relação entre a população e o lugar onde ela vive. Ao mapear os espaços de existência constituídos pelos bairros, o projeto tem, conforme proposto na introdução do quarto volume, delineado um perfil “do que era existir e morar na cidade.”. (PENNA, 1997, p. 7).

Existir e morar na cidade: os bairros operários (1931-1970)

Ao contrário das cidades cujo crescimento ocorre a partir de um núcleo central, a urbanização de Canoas caracterizou-se por um centro que, até os anos 1970, não era o setor urbano mais denso. Na zona sul do município, próxima ao Rio Gravataí, nasceram dois bairros habitados basicamente por operários: Niterói e Rio Branco, que se tornaram as áreas mais densamente povoadas da cidade. (PENNA, 2004b, p. 18).

A vila, depois bairro Niterói, formou-se a partir do loteamento empreendido pela empresa *Territorial Nictheroy*, que teve início em 1931. (PENNA, 2004b, p. 14-17). O atual bairro Rio Branco formou-se em torno do FRIGOSUL – Frigoríficos Sul--Riograndense, instalado na localidade a partir de 1939. (PENNA, 2004a, p. 17). Mais tarde, criaram-se outros bairros também formados pelo contingente, cada vez maior, de trabalhadores: na zona Oeste, em direção ao Rio dos Sinos, o bairro Harmonia, a partir dos anos 1950; Mathias Velho, especialmente nos anos 1960; e Guajuviras – com a ocupação do *Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti* já nos anos 1980¹⁴.

Algumas características são comuns no desenvolvimento histórico dos bairros Rio Branco, Niterói e Harmonia. Nos três casos, eram áreas alagadiças utilizadas principalmente para o cultivo de arroz. Mais tarde, com os loteamentos de Niterói e Harmonia, famílias de operários foram atraídas pelos baixos preços dos lotes, pagos de forma facilitada. Todos passaram por diversas dificuldades, incluindo as enchentes e a falta de infraestrutura. No bairro Niterói, os primeiros moradores construíram suas casas em meio a granjas alagadiças: “Quase todos recém-casados, com poucos recursos, mas sonhando construir uma moradia que abrigasse a família.”. (PENNA, 2004b, p. 16).

Muitos depoimentos coletados pela pesquisa *Canoas – para lembrar quem somos*, na etapa sobre o bairro Niterói, trazem indicativos de como era viver, em meio a tantas dificuldades, nos primeiros tempos do bairro: Osório Rocha, com 73 anos na época da entrevista, passou a morar ali aos 20 anos, logo após o casamento. Operário da *Renner*, recorda o período em que não havia água, nem luz, tampouco calçamento. E completa: “Assim mesmo os terrenos eram vendidos.”. (PENNA, 2004b, p. 16). As narrativas sobre o bairro Rio Branco dão conta de situações semelhantes: falta de energia elétrica, água potável e de calçamento; precários níveis de higiene e saúde; poucas possibilidades de instrução e de lazer. (PENNA, 2004a, p. 40).

As enchentes fizeram parte da história dos bairros Niterói, Rio Branco e Harmonia. No caso do bairro Rio Branco havia menos estrutura ainda¹⁵. Terreno plano em área alagadiça, era impróprio à moradia até a construção dos diques de proteção contra as cheias, ocorrida no final dos anos 1960. Anita Schmidt narrou aos pesquisadores as dificuldades dos flagelados: “Cada um tratava de salvar o que podia, vinha ajuda de fora. Quem podia ir para a casa de algum parente ia e salvava a sua pessoa.”. (PENNA, 2004a, p. 28).

Pedro Ávila Pires narrou a presença das enchentes no cotidiano da então Vila Rio Branco: “Era matemático, enchente todo ano. A gente se acostumou com aquilo. Cada qual tinha um caíque embaixo da casa.”. (PENNA, 2004a, p. 28). Valentina de Assunção fez um relato sobre as enchentes dos anos 1960 no bairro Harmonia:

Eu lembro que, quando eu estava no pátio, começou a chegar água, devagarinho. Nós fomos medindo e a água foi chegando e a gente cuidando [...]. A gente achava que não ia entrar, mas daí ela foi entrando e foi entrando. (COSTA, 2013, p. 68).

Se o excesso de água das enchentes causava diversos transtornos, a falta de água potável era outro problema presente e persistente. Até o início dos anos 1960, somente uma pequena parte de Canoas era provida de sistema de água potável. As enchentes e a ausência de saneamento tornavam os poços contaminados. Era preciso comprar água para beber e fazer comida. Somente a partir de 1965 a água encanada começou a chegar às comunidades mais periféricas de Niterói e Rio Branco. (PENNA, 2004a e 2004b).

Além das fontes orais, podemos encontrar indícios de como era viver nestes bairros através de documentos oficiais, como os pedidos de providências da Câmara Municipal, e também pelos registros da imprensa local. Tais fontes indicam um cotidiano marcado por dificuldades geradas, por exemplo, pela falta de água potável, ou pelo excesso de água – no caso dos alagamentos e das enchentes.

No bairro Harmonia, em curto espaço de tempo, vários pedidos de providências foram aprovados pelo Legislativo, referentes ao problema das valas e do saneamento. Soluções para o transbordamento das valas representavam uma demanda importante já para os primeiros moradores do bairro. Em outubro de 1956, a *Associação dos Amigos do Parque Residencial Harmonia* encaminhou ao prefeito Sezefredo Azambuja Vieira, e aos vereadores, um documento dando conta da situação do bairro. Proposição do vereador Antonio Soares Flores (PTB), quanto a melhorias no Parque Harmonia, afirmava, em 1960, constar abaixo-assinado

de 38 moradores. A solicitação versava quanto à colocação de canos de esgoto e limpeza das valas de escoamento. (ANGELI, 2013, p. 185-186).

Nos anos 1950, os moradores do bairro Harmonia já se mobilizavam por iluminação pública e por energia elétrica nos domicílios. Em 1956 os vereadores do PTB, Glanteal Lindenmeyer, Marcolino Alves e Ariovaldo Aguiar, solicitaram a colocação de rede elétrica na Rua General Neto, salientando contar com abaixo-assinado de 12 moradores da rua. No fim da década de 1960 e em boa parte da década de 1970, há registros sobre moradores que ainda não usufruíam de luz em suas casas. (ANGELI, 2013, p. 191).

Se a falta de infraestrutura era generalizada, alguns pontos destes bairros demonstravam ainda mais vulnerabilidade. É o caso, por exemplo, da Vila Industrial, no bairro Niterói. A população desta vila foi sempre de pessoas muito humildes, enfrentando todos os problemas típicos da pobreza. (PENNA, 2004b, p. 77). No bairro Rio Branco, as casas em forma de palafitas, construídas pelo frigorífico e mais tarde doadas aos moradores, formavam o lugar conhecido como “Pombal”, onde, conforme o depoimento de Padre Lotário, numa casa de poucos metros quadrados quatro famílias moravam. (PENNA, 2004a, p. 34). No bairro Harmonia, um conjunto de casebres da Rua da República abrigava uma população em condições miseráveis, motivando o título de uma reportagem do jornal *O Timoneiro*, em 15 de dezembro de 1967: *República da miséria*. Apesar do nome, na Rua da República o Poder Público estava ausente. (ANGELI, 2013, p. 200).

O perfil dos moradores que deram origem aos bairros Niterói, Rio Branco e Harmonia é bastante similar: de forma geral, eram famílias de operários que migraram de outras regiões em busca de emprego na capital ou na região metropolitana, e encontraram, nos lotes vendidos em regiões alagadiças, a possibilidade da construção de seus lares. As dificuldades foram praticamente as mesmas: enchentes, alagamentos, falta de saneamento, de iluminação pública, de segurança, de energia elétrica, de água potável, de transporte público, de calçamento.

A partir das obras organizadas por Rejane Penna (2004a e 2004b) e por Cleusa Graebin (2013), é possível perceber também a grande mobilização das comunidades em torno destas demandas, formando associações, pressionando o Poder Público através da Câmara de Vereadores e da imprensa. Assim, existir e morar na cidade exigiu desta população a capacidade de lutar pelo direito a uma vida melhor.

Considerações finais

Nos últimos vinte anos, o projeto *Canoas – para lembrar quem somos*, do Unilasalle, vem colaborando para a produção historiográfica sobre os bairros de Canoas e para a divulgação da história local – com a publicação de doze livros em convênio com a Prefeitura Municipal.

Nestas duas décadas, ampliaram-se os debates sobre a necessidade do diálogo entre o conhecimento acadêmico e a sociedade, sobre a divulgação histórica e sobre a chamada “história pública”. Diante do interesse cada vez maior pela memória e pelo passado, e considerando algumas experiências pouco enriquecedoras promovidas por profissionais oriundos de outros *métiers*, vários historiadores acadêmicos têm se lançado à tarefa de escrever para um público mais amplo.

Produzir uma obra historiográfica de boa qualidade e, ao mesmo tempo, em linguagem acessível, é o desafio que tem se imposto aos historiadores. Pelo caminho da história oral, o projeto *Canoas – para lembrar quem somos* tem dado, ao menos, duas contribuições para a escrita da história do município: dar voz a personagens até então ausentes da historiografia local; e abordar a história de Canoas na perspectiva dos diversos espaços da cidade, ou seja, dos bairros.

Desde o princípio, o projeto – e os livros dele resultantes – foram pensados para uma circulação nas comunidades pesquisadas e nas escolas do município. Buscou-se, através de uma pesquisa acadêmica, recuperar a autoestima das diferentes comunidades. Escritos no meio institucional da academia – com suas regras e pressupostos teórico-metodológicos – os livros foram produzidos para serem lidos por pessoas que se identificariam com as falas, personagens e lugares neles citados.

Dessa forma, as duas décadas deste projeto parecem ter contribuído para amadurecer, no “*savoir faire*” dos pesquisadores com ele envolvidos, um modelo de produção histórica de qualidade destinado à comunidade em geral. Ainda há muito o que fazer: há bairros a serem pesquisados, há a necessidade de retomar a pesquisa nos bairros estudados vinte anos atrás. É preciso, ainda, retomar o diálogo com as comunidades pesquisadas e incentivar a utilização das obras como subsídio para a produção de material didático sobre Canoas. Entretanto, fica o registro dos vinte anos de um projeto que tem feito os moradores de uma cidade lembrarem-se de quem são, construírem uma imagem de quem foram e projetarem quem pretendem ser.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Maria Lúcia Fauri; BOITE, Cristiane Bernardes de; FINKLER, Iolanda Menezes (Org.). **Canoas em retrato**. Canoas: Prefeitura Municipal, 2004.
- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, p. 19-28, 2011.
- ANGELI, Douglas Souza. Bairro Harmonia: relações entre comunidade e poder público. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Org.). **Bairro Harmonia: um mosaico gigante em Canoas (Canoas – para lembrar quem somos, n.º 12)**. Canoas: Promoarte, p. 175-206, 2013.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. **Rio Grande do Sul, seus municípios e suas leis de criação**. Porto Alegre: Comissão de assuntos municipais ALRS, 2009.
- CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História, novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belho Horizonte: Autêntica, 2010.
- COSTA, Silviane Assunção Costa. Água pela soleira da janela: memórias das enchentes de 1965 e 1967 no bairro Harmonia. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Org.). **Bairro Harmonia: um mosaico gigante em Canoas (Canoas – para lembrar quem somos, n.º 12)**. Canoas: Promoarte, p. 61-70, 2013.
- GARBER, Marjorie. **Instintos acadêmicos**. Tradução de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- GAYESKI, Miguel; SABALLA, Viviane; CORBELLINI, Dáris (Org.). **Nossa Senhora das Graças (Canoas - para lembrar quem somos, n.º 10)**. Porto Alegre: MR3, 2005.
- GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Org.). **Bairro Harmonia: um mosaico gigante em Canoas (Canoas – para lembrar quem somos, n.º 12)**. Canoas: Promoarte, 2013.
- GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Org.). **Bairro Fátima – Da comunidade fundadora aos dias atuais: muitas histórias, diversos olhares**. Canoas: Fênix, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. O sentido do passado. In: _____. **Sobre história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 22-35, 2011.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- INSTITUTO CANOAS XXI. **Estado da cidade: um retrato de Canoas**. Canoas: Secretaria Especial de Comunicação: 2011.

- LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, p. 31-52, 2011.
- PENNA, Rejane (Org.). **Canoas – para lembrar quem somos: Rio Branco**. 2. ed. Canoas: La Salle, 2004a.
- PENNA, Rejane (Org.). **Canoas – para lembrar quem somos: Niterói**. 2. ed. Canoas: La Salle, 2004b.
- PENNA, Rejane (Org.). **Canoas – para lembrar quem somos: Centro**. 2. ed. Canoas: La Salle, 2004c.
- PENNA, Rejane (Org.). **Canoas – para lembrar quem somos: Estância Velha**. Canoas: Tecnicópias, 1997.
- PENNA, Rejane (Org.). **Canoas – para lembrar quem somos: Mathias Velho**. Canoas: La Salle, 2000.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHMIDT, Benito. Conhecimento histórico e diálogo social. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 325-345, 2014.
- SILVA, João Palma da. **Origens de Canoas**. Canoas: Prefeitura Municipal, 1964.
- SILVA, João Palma da. **Pequena história de Canoas**. Canoas: Prefeitura Municipal, 1978
- WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, p. 67-90, 2006.
- VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2011.
- VIEGAS, Danielle Heberle. Transformando territórios urbanos, construindo territórios de existência: sensibilidades metropolitanas no processo de urbanização da cidade de Canoas/RS. **Revista Latino-Americana de História**, v. 1, n. 2, p. 10-23, 2012.
- ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, p. 53-63, 2011.

Notas

¹ Artigo originalmente produzido para a disciplina *Tópicos especiais de história II: História Pública, Campo Jornalístico e Conhecimento Histórico: Questões Teórico-metodológicas e Análise Bibliográfica*, ministrada por Cláudio Pereira Elmir. Unisinos, 2014/2.

² Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos; foi bolsista da CAPES durante o mestrado. douglasangeli@hotmail.com

³ Informações disponíveis na página da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, www.fee.rs.gov.br. Outros dados importantes: 56,73% da área do município estava ocupada pela mancha urbana em 2010, segundo dados do plano de estudos do Plano Diretor Urbano Ambiental e do Instituto Canoas XXI. Conforme o Censo Demográfico de 2010, a densidade demográfica do município é de 2.473,47 hab./km², sendo que o território é formado por 131 km².

⁴ Em 2004, o Arquivo Municipal de Canoas lançou a obra *Canoas em retrato*, com quinze reproduções de fotografias de seu acervo histórico, em papel *couché* 40cm x 30cm, organizada por Maria Lucia Fauri Agostini, Cristiane Bernardes de Boite e Iolanda Menezes Finkler.

⁵ Em 2004, a Prefeitura de Canoas reeditou os três primeiros volumes, *Rio Branco*, *Niterói* e *Centro*.

⁶ Um antecedente foi o projeto *Memória dos Bairros*, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa História de Porto Alegre/Secretaria Municipal de Cultura a partir de 1989. Informações disponíveis em: <https://cphpoa.wordpress.com/about>.

⁷ Conforme os dados do IBGE publicados pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (1981). Sobre a urbanização de Canoas, ver a dissertação de mestrado de Danielle Heberle Viegas (2011), intitulada *Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)*.

⁸ Para Sarlo (2007), as modalidades não acadêmicas de texto tratam do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função das necessidades intelectuais, afetivas, morais ou políticas. Essas histórias de grande circulação reconhecem na repercussão pública de mercado sua legitimidade. (SARLO, 2007, p. 14-15). Conforme Michel de Certeau (1976), a história escrita pelos historiadores está condicionada pelo seu lugar institucional de fabricação e pelas práticas científicas e institucionais que lhe conferem legitimidade.

⁹ “Consciência histórica” quer dizer o modo como os seres humanos interpretam a experiência da evolução temporal de si mesmos e do mundo em que vivem, algo que, segundo a autora, é uma condição prévia da humanidade, fazendo parte da condição humana a organização histórica da experiência do mundo. Para a autora, a ideia de consciência histórica permite a interpretação de diferentes culturas segundo um princípio universal dado na condição humana por elas expressado, e que o historiador metodiza e racionaliza por meio da narrativa histórica. (ALBIERI, 2011, p. 26-27). Vale lembrar Eric Hobsbawm (2011), que entendia o passado como uma dimensão permanente da consciência humana. Para ele, ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado, ainda que apenas para rejeitá-lo. (HOBSBAWM, 2011, p. 22).

¹⁰ Roger Chartier (2010) afirma que, atualmente, os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. O autor destaca, como exemplo, a força das representações do passado propostas pela literatura, sendo que o campo literário não se apodera somente do passado enquanto objeto, mas também de documentos e de técnicas da história. (CHARTIER, 2010, p. 26-28). Podemos referir Marjorie Garber (2003), para quem as disciplinas acadêmicas protagonizam controvérsias que são parte integrante de sua própria vitalidade, incluindo nisto a questão do desdém aos profissionais nutrido pelos amadores e, inversamente, dos profissionais com relação aos amadores, e esclarecendo que ambos nunca são completamente iguais e estão sempre sob influência recíproca, pois geram-se e definem-se um ao outro mediante afinidades e exclusões mútuas, ocorrendo, inclusive, que parte de sua força deriva da condenação da estreita afinidade entre eles. Assim, as categorias “amador” e “profissional” são mutuamente incluídas e, com efeito, reciprocamente construídas e da mesma forma reguladas.

¹¹ Obra organizada por Rejane Penna, tendo também como autores Dármis Corbelinni e Miguel Gayeski.

¹² A produção historiográfica sobre Canoas teve início em 1964, quando o escritor e jornalista João Palma da Silva lançou, enquanto memorialista, a obra *Origens de Canoas*. Tanto essa obra quanto a *Pequena História de Canoas*, lançada na década de 1970, trazem uma visão tradicional da história política local, centrada nas realizações dos governos e no protagonismo de determinadas famílias. Estas eram as obras de referência na época do lançamento do projeto *Canoas – para lembrar quem somos*.

¹³ Os retornos aos bairros pesquisados, com reuniões e questionários, se realizados, não foram mais registrados a partir da quarta edição (1997). Sabemos que as últimas edições, sobre os bairros Fátima (2009) e Harmonia (2013), foram lançadas e distribuídas para a comunidade em eventos locais.

¹⁴ Nesta parte do artigo, tratamos dos bairros Niterói, Rio Branco e Harmonia.

¹⁵ Ao contrário dos demais, o bairro Rio Branco não se desenvolveu por meio de loteamentos. Seu povoamento foi ocorrendo aos poucos, em especial pela atração causada pela instalação do frigorífico. Além disso, a construção da faixa de cimento ligando Porto Alegre e Canoas, em 1934, facilitou a entrada e a instalação de diversas famílias que já encontravam dificuldades em permanecer na capital. (PENNA, 2004a, p. 15).